

O “PAPEL” DA EDUCAÇÃO ENQUANTO APARELHO DE ESTADO NO PROCESSO DE REPRODUÇÃO DAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO

Joel Severino da Silva ¹
Débora Paula Martins da Silva ²

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de reflexão o “papel” da Educação enquanto aparelho de Estado dominante. Objetiva refletir a partir das contribuições de Althusser – especialmente de sua obra “Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado”, como a educação mediante a escola ajuda a construir um certo sentido de reprodução das relações de produção e como isso se legitima social e culturalmente. A elaboração da discussão/reflexão apresentada neste artigo se iniciou na disciplina de Sociologia da Educação trabalhada no oitavo período do curso de Pedagogia da UFPE em 2016 e vem se complementando no curso de Mestrado em Educação da mesma instituição a partir da disciplina Educação, Cultura e Sociedade. Durante esse período (2016-2019) foi-nos possível “maturar”, com base no pensamento de Althusser e outros pensadores marxistas (ou não) que a educação se constitui como potencial dispositivo do Estado dominante à medida que instrumentaliza, universalmente, a educação a serviço das ordens de produção, corroborando no ciclo de manutenção de reprodução das relações de produção.

Palavras-chave: Educação, Estado, Ideologia, Reprodução.

INTRODUÇÃO

Neste texto, refletimos sobre o “papel” da educação escolar enquanto aparelho de Estado dominante no processo de reprodução das relações de produção e, como isso se legitima cultural e socialmente.

Apoiamo-nos, neste sentido, numa perspectiva crítico reflexiva, tendo o pensamento de Althusser como base teórica, especialmente, sua obra “Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado”. Isto porque, como já é consenso, tal obra é de suma relevância e contemporaneidade em vários campos de análises das ciências sociais e políticas e, potencialmente utilizada no estudo do fenômeno educacional. Aliás, presumamos que é muito difícil se fazer uma análise crítica da relação entre Estado e Educação sem fazer menção a este autor e àquela obra em particular. Isso decorre do fato que este pensador dedicou parte de sua ação intelectual ao exame e/ou elaboração de conceitos como Estado, ideologia, hegemonia e aspectos da reprodução cultural, bem como o esforço teórico reflexivo em “mostrar” como o Estado age e beneficia-se

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Mestrando em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEdU/UFPE, joelsilva.educar@email.com;

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Mestranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEdU/UFPE, debora-martins@hotmail.com.

de seus aparelhos repressivos e ideológicos. A exemplo deste último: a escola. Esta, como agência “universal” no reforço às desigualdades sociais que tem como tarefa final na luta de classe, a manutenção da ideologia dominante em detrimento de outras – as dominadas (FERRARO, 2014).

Ideologia esta que segundo Althusser (2005), Marx a entendia como sendo um sistema de ideias das representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social³. Neste aspecto, quando relacionada à educação “reflete na discussão sobre os modos de (re) produção nas configurações da divisão do trabalho na sociedade capitalista” (FERRARO, 2014, p. 4). Ainda segundo este autor, Saviani (1984) entende essa relação como sendo a educação, agência que visa a continuidade da espécie humana no tocante a práticas sociais aprendidas através unicamente de seus aportes, garantidora de processos neste alinhamento.

Contudo, segundo Saviani (1994) se a educação é um fenômeno unicamente da espécie humana, se faz necessário afirmar igualmente que ela é em equação equivalente e/ou igual, tanto uma exigência de processo de produção quanto é também, ela própria, processo de trabalho humano. Assim sendo, a educação enquanto atividade ontológica/cultural da humanidade, histórica e dialética, como salienta Brandão (1995), é uma fração do modo de vida entre as pessoas, que criam e recriam invenções de sua história.

Daí se faz necessário acionar em termos equivalentes ao da educação como uma ontologia do humano, as noções de sociedade e trabalho. Isso porque, em corroboração e/ou a partir de Saviani (2007), compreende-se que a subsistência da espécie humana em meio aos fenômenos ambientais, mediante sua relação com a natureza, só se tornou possível por meio de um acúmulo de atividades e técnicas de “exploração” do homem, pelo processo de socialização, isto é, educação. Nossa espécie não nasce sabendo o que fazer, como fazer e porque fazer. Aprende, todavia, na relação com o outro e com a natureza.

No entanto, no transcurso da história, a depender dos modos de organização produtiva, a noção de trabalho fora sofrendo alterações de sentidos. De modo que, durante a Idade Média, tinha-se a concepção epistêmica de trabalho como labor ou obra, como se fosse uma atividade não pertencente e estranha ao homem.

No capitalismo, está atrelada à noção de classe, ou seja, o trabalho deixa de ser atividade humana e passa a ser de uns para outrem, isto é, uma classe trabalha para garantir a produtividade alimentícia e outras, não só para si, como sobretudo para seu senhor.

³ Perspectiva que Althusser irá reformular em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*

Neste modelo de organização produtiva advindo da revolução industrial, a educação assume discursos hegemônicos do: poder; do saber; do conhecimento; do modo de transmissão deste conhecimento; e da padronização – onde a escola funciona à lógica das fábricas. Desta forma, em últimas instâncias, a educação escolar tem se prestado ao serviço e interesse do mercado.

Para uma vasta gama de autores críticos, sobretudo marxistas e neomarxistas como Gramsci (2000), Althusser (2005), Bourdieu e Passeron (2013), os autores da Escola de Frankfurt e tantos outros, o modelo de escola “moderna” atua em corroboração de um estado de coisas à manutenção das culturas dominantes – às quais representam e fazem-se representadas no Estado burguês hegemônico.

Althusser (1980; 2008) e Bourdieu e Passeron (2013) imprimem que a organização da sociedade como um “todo” está diretamente – em condição de dependência – relacionada a modos de produção, os quais estão vinculados de certa forma a um ciclo contínuo dos modos operantes de reprodução. Segundo Ferraro (2014), para Althusser (2008), sendo esse processo o resultado de lutas das relações de dominação – constituídas nas relações de produção, uns modos se sobressaem e/ou se sobrepõem a outros. O que implica dizer que, nesse processo, há um constante tensionamento e jogos de disputas pela hegemonia ideológica a ganhar representação no campo da significação. Resulta que, nessa luta ideológica de classes, cada grupo objetiva o controle “dos processos de (re) produção – ou, simplesmente, [...] fazer subsistir concepções ideológicas vigentes – acerca da formação que se considera “ideal”, “adequada” para indivíduos daquela sociedade” (FERRARO, 2014, p. 5).

Foi partindo desse olhar crítico reflexivo em relação ao “papel” da educação no processamento de manutenção das relações de produção do Estado capitalista burguês dominante que, desde 2016 ainda quando cursávamos o oitavo período de Pedagogia até o momento (2019) na condição de mestrandos em educação, escrevemos o texto em curso embasados metodologicamente numa perspectiva teórica estruturalista althussereana, no entanto, nos valemos também de outros autores comumente “agrupados” nesta perspectiva teórica.

Privilegiamos neste estudo bibliográfico no que tange ao lugar da educação em relação ao Estado, conceitos althussereanos como: Estado, Ideologia e Reprodução.

A análise do “papel” da educação à luz destas categorias elaboradas por Althusser e trabalhadas por seus discípulos nos permitiu concluir que, o processo de (re) produção das relações de produção legitima-se cultural e socialmente à medida em que às lógicas culturais dominantes são acionadas e, através de desdobramentos ideológicos são inculcados à

mentalidade social, produzindo como efeito “padrão” cultural hegemônico de “naturalização” das próprias ideologias dominantes, tanto em relação ao sistema produtivo de trabalho, quanto à maquinaria cultural como um todo. Aliás, tanto este quanto aquele estão em certo sentido, à luz dos pensadores estruturalistas – como no caso de nossa análise – Althusser e seus seguidores, em condição de (co)dependência em alinhamento à manutenção dos padrões culturais dominantes que se fazem representados no Estado burguês em curso.

METODOLOGIA

Neste artigo foi adotado uma metodologia de cunho qualitativo conforme Ludke e André (1986). Fundamentados em Bogdan e Biklen (1982), aqueles autores afirmam que a abordagem qualitativa tem cinco características fundamentais: prioriza o ambiente natural onde os fatos acontecem; os dados produzidos têm um caráter descritivo; os pesquisadores se preocupam mais com o processo do que com o produto final; a opinião dos sujeitos investigados são sempre levados em consideração; e os pesquisadores não se preocupam em confirmar hipóteses, sendo assim as conclusões são construídas através dos dados produzidos.

O tipo de pesquisa utilizado foi o estudo bibliográfico do qual temos aporte teórico em textos discutidos na disciplina Sociologia da Educação ministrada no oitavo período do curso de Pedagogia da UFPE bem como textos utilizados na disciplina de Educação, cultura e sociedade no curso de Mestrado em Educação também da mesma instituição.

Conforme Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em estudos já realizados constituídos principalmente de livros e artigos científicos. Ainda segundo este autor, uma das vantagens da pesquisa bibliográfica é o fato de que a mesma permite ao pesquisador um conjunto de fenômenos muito mais amplo em relação ao que poderia se deparar diretamente.

Priorizamos, reafirmamos, os conceitos de Estado, Ideologia e Reprodução, verificando como interpelam a educação, fazendo desta o principal veículo de transmissão e inculcação dos valores culturais dominantes.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

O lugar da educação em “Ideologias e Aparelhos Ideológicos de Estado”

Segundo Miranda (1996), Althusser busca “responder” em Ideologias e Aparelhos Ideológicos do Estado, o que é que faz as sociedades, especialmente a capitalista, se manter

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

apesar das divisões e desigualdades que as caracteriza. Ainda segundo este autor, aquele pensador, em objetivo ao questionamento por ele levantado toma ao menos quatro pontos de reflexão. O primeiro, é o de que toda formação da sociedade resulta de modo de produção dominante. Segundo, é que uma sociedade para existir, deve ao mesmo tempo que existe, (re)produzir suas condições de produção. Terceiro, tanto a reprodução das forças produtivas quanto das relações de produção, exige dos indivíduos envolvidos nesse modelo societal as ideologias dos que dominam esse processo. Quarto, esse processo de submissão se dá mediante o poder do Estado sobre a sociedade que a representa, quer seja pela repressão ou pela ideologia (MIRANDA, p. 1996).

Está implicado aí, no pensamento althussereano, um certo princípio tanto ontológico de educação em termos Durkheimiano – do processo contínuo da sociedade – à medida em que as gerações mais novas aprendem com as mais velhas padrões culturais e históricos, o que possibilita o funcionamento da maquinaria social (DURKHEIM, 2011).

Decorre-se daí que as ideologias (ALTHUSSER, 1980) ou os arbitrários culturais e capitais simbólicos (BOURDIEU E PASSERON, 2013) dos grupos hegemonicamente dominantes são inculcados à estrutura social tanto quanto processo de reprodução ontológico da própria dinâmica histórica do social como um todo, quanto especificamente na sociedade capitalista através do aparelho escolar. Esta passa, pois, a atuar em conformidade aos modos de produção da engrenagem deste sistema societal.

Neste sentido, segundo Ferraro (2014) para Althusser (1980) a inculcação de uma ideologia, ainda que se passe também fora da escola ou mesmo diretamente no próprio sistema de produção, passa essencialmente por um sistema educacional de alinhamento capitalista. Em corroboração com Althusser (1980), Sousa (2018) entende que nessa lógica, a escola “serve”, dentre outras coisas, à doutrinação do sistema produtivo da sociedade capitalista.

Neste aspecto, a escola “garante” a perpetuação do sistema produtivo capitalista, não só à medida em que ensina um conjunto de técnicas de trabalho, mas também e sobretudo, ao passo que instrui sua “clientela” à “aceitação” parcial – através da ideologia e dos padrões das classes dominantes cujo Estado lhes representam. Deste modo, a escola reproduz mediante a ideologia, tanto os processos de produção quanto das relações de produções deste estado de coisas à medida em que ensina:

[...] a ler, a escrever, a contar, – portanto algumas técnicas [...], inclusive elementos (que podem ser rudimentares ou pelo contrário apropriados) de “cultura científica” ou “literária” diretamente utilizáveis nos diferentes lugares da produção (uma instrução para operários, outra para técnicos, uma terceira para os engenheiros, uma quarta para os quadros superiores, etc. [...]) ensina também as “regras” dos bons costumes, isto é,

o comportamento que todo o agente da divisão social do trabalho deve observar, segundo o lugar que está destinado a ocupar [...]. Ensina também a “bem falar”, a “redigir bem”, o que significa exatamente (para os futuros capitalistas e para os seus servidores) a “mandar bem”, isto é, (solução ideal) a “falar bem” aos operários etc.[...] diremos que a reprodução da força de trabalho exige não só uma reprodução da qualificação desta, mas, ao mesmo tempo, uma reprodução da submissão desta às regras da ordem estabelecida [...] para os operários e uma reprodução da capacidade de manejar bem a ideologia dominante para os agentes da exploração e da repressão (ALTHUSSER, 1980, p. 20-22).

Observa-se que para esse pensador, o aparelho escolar de Estado ocupa lugar *sine qua nom* no ordenamento e hierarquia dos lugares simbólicos de poder que os sujeitos ocupam no sistema de produção correspondente ao seu lugar de classe. Alimenta, contudo, em sentido de manter a funcionalidade da ordem de classe a produção das relações de produções à medida em que através do currículo, “materializa” produções e lógicas discursivas hegemônicas dos valores e saberes próprios da cultura dominante, como sublinha Silva (2009) ou como destaca Gomes (2007).

Assim sendo, a escola enquanto aparelho ideológico de Estado, a partir de seu poder pedagógico ensina saberes práticos em direção à sujeição às ideologias dominantes de modo que cada indivíduo aprenda, reiteramos, ofícios de trabalhos correspondente a classe que lhe corresponde de maneira que assegure em matéria final o funcionamento operante da classe dominante, dos meios e das relações de produção (ALTHUSSER, 1980). E isso carece ser operado, segundo o autor, de modo muito preciso, pois, “é nas formas e sob as formas de sujeição ideológica que é assegurada a reprodução da qualificação da força de trabalho” (ALTHUSSER, 1980, p. 22, 23). Essa ideologia depende da ideologia dominante no Estado operante – capitalista. Isso nos conduz à emergente demanda de explicitação dos conceitos: Estado e ideologia.

Estado e seus Aparelhos: Repressão e Ideologia

Sabe-se que além de complexa, muitas são as explicações dadas à definição de Estado, todavia, conforme Hofling (2001) não pode ser reduzido à burocracia e aos órgãos que elaboram e implementam as políticas públicas.

Na concepção de Althusser (1980), para Marx e, posteriormente seus discípulos, o Estado se configura como aparelho repressivo – uma máquina de repressão, cujo molde operante permite que as classes dominantes assegurem e perpetuem seu poder de dominação em relação ao proletariado para mantê-lo em condição submissa ao processo de extração da mais valia. Contudo, para Althusser (1980), ainda que este conceito de Marx seja, por essência,

coerente à lógica dos processos de dominação tanto das produções quanto das relações destas produções, se faz necessário acionar a este conceito de Estado, outro elemento analítico. Este é, a ideologia. Ou seja, para Althusser (1980) o Estado age e subsiste-se tanto à custa da repressão quanto da ideologia.

Isso porque a existência do Estado só tem sentido através de seus aparelhos (escola, exército, igreja, sindicato, família etc.) em função do poder de Estado, pois toda luta de classe se dá em torno do objetivo e/ou ao menos desejo de ocupar este poder. Ainda que este poder de Estado possa permanecer intacto independentemente da classe ou aliança de classes que esteja neste lugar. Neste aspecto, a classe ou a aliança de classe feita representada ou representante deste poder de Estado, utiliza todos seus aparelhos estatais em beneplácito da reprodução da manutenção de suas ideologias (ALTHUSSER, 1980).

Em sua obra, *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, Althusser (1980) ao analisar o conceito marxista de Estado, diz que naquela corrente de pensamento, Estado é, pois, o próprio aparelho repressivo. Contudo, salienta quatro pontos que constituem, segundo ele, seu conceito. Primeiro, se existe um Aparelho Repressivo, existem uma pluralidade de Aparelhos Ideológicos. Ou seja, está implicado a coexistência entre repressão e ideologia no processo de reprodução das produções dos valores das classes dominantes. Em segundo lugar, o Aparelho Repressivo pertence ao domínio público enquanto que o Ideológico ao privado. Assim sendo, o domínio “absoluto” do Estado escapa-lhe, uma vez que está além de si à medida em que seus domínios enquanto acionados pelo Aparelho Ideológico constitui-se no contraditório público versus privado. Portanto, o último ponto se dá a distinção entre os dois aparelhos: um pela repressão, outro pela ideologia.

Todavia, para Althusser, tanto a repressão quanto a ideologia se fazem presente nos dois tipos de aparelhos. O que os distingue é a predominância do uso da violência física pelo Aparelho Repressivo e a inculcação ideológica por parte daquele que lhe corresponde. Para o autor, é justamente a junção destes dois aparelhos que “faz” assegurar a reprodução das relações de produção (ALTHUSSER, 1980).

Explicitando seu conceito de ideologia, o pensador elabora à obra aqui tomada como ponto de apoio, duas teses. A primeira é que a ideologia representa a relação imaginária das pessoas com suas reais condições de existência. Em segundo lugar, a existência da ideologia não é apenas uma abstração do imaginário, mas material, isso porque para o pensador, quando alguém pensa sobre algo, embora aquele pensamento não seja o real, diz sobre o real. Logo, o imaginário está dotado de existência material (ALTHUSSER, 1980, p. 77 - 85).

Neste sentido, para o autor, é o Aparelho Escolar que no lugar do antigo Aparelho Ideológico (Igreja), a grande agência de fazer valer no imaginário, no público e no privado os valores dominantes do Estado Capitalista (BERNARDINNO, 2010). Assim, Ferraro (2014) faz entender que para Althusser (1980) à luz de uma leitura Durkheimiana, a Escola ensina no sistema social capitalista, a cada indivíduo os moldes operantes dos “ofícios sociais” correspondente à sua classe. Assim, reproduz à educação, a produção das relações de produções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já focado, Althusser (1980) a partir de Marx reafirma que o estado é um conjunto de instituições que controla uma nação, sendo esta organização (estado) um estado de uma elite dominante. Althusser no entanto, vai mais adiante. Segundo ele, para além do Aparelho repressivo do estado (ARE) também nos deparamos com o AIE (aparelho ideológico do estado), já mencionando em tópicos anteriores. Este não se confunde com o primeiro, mas acaba funcionando para potencializar o ordenamento ideológico do estado. Conforme Althusser, a diferença primordial entre ARE e AIE, é a seguinte: enquanto os ARE agem mais pela repressão, muito embora a ideologia também esteja presente, os AIE, por sua vez, atuam mais pela ideologia, ainda que haja a presença da violência simbólica.

Se afirmamos então que os aparelhos do estado podem ser diversas instituições (escola, exército, igreja, sindicato, etc.), afirmamos também que as mesmas são geridas por ideologias dos indivíduos que constituem aquele grupo social específico. Desta forma, como se constitui na prática a relação dos indivíduos a partir do momento em que eles integram simultaneamente mais de um AIE e em que isso implica? A exemplo: um sujeito pode ser pai, professor, membro de sindicato, de uma igreja, ter acesso a várias mídias, etc. Acreditamos que isto implica em conflito, uma vez que o sujeito se depara concomitantemente com um conjunto de ideologias, o que, entretanto, pode corroborar tanto de forma positiva quanto negativa.

Do ponto de vista negativo, salientamos que todos estes AIE concorrem para alienar o sujeito à uma perspectiva única de estado. Como ponto positivo, elencamos que os sujeitos podem a partir de suas próprias ideologias, questionar a estrutura dominante.

De acordo com nosso estudo, tanto os aparelhos ideológicos do estado quanto os aparelhos repressivos se caracterizam por uma relação dualista, isto é, uma está intrinsecamente ligada à outra. Neste sentido, verificamos que Althusser (1980) compreende que todo ordenamento social está imbricado por uma concepção ideológica consoante à determinada

concepção de estado. Como exemplo podemos citar o estado neoliberal, onde tanto os ARE quanto os AIE que consentem com tal modelo de estado, irão “trabalhar” para a consolidação do mesmo.

No tocante ao exposto no parágrafo anterior, com base nas referências as quais nos debruçamos neste estudo, destacamos que as instituições sociais não são administradas apenas pelo operante mas por ideologias que vão sendo inculcadas na sociedade como efeito legítimo. Desta maneira, passam a defender convictamente ideologias que não são suas, em virtude de como são passadas pelas instituições, sobretudo as escolas, a própria cultura e a mídia.

Portanto, por meio deste mecanismo (ideologia) concordamos com Althusser (1980) quando este conclui que os AIE “podem ser não só o alvo mas também o local da luta de classes e por vezes de reformas realinhadas à luta de classe” (ALTHUSSER, 1990, p. 49). Esta citação indica que o estado acaba dominando muito mais pelos AIE do que pelos ARE, posto que a ideologia tem um papel importante para a construção do sujeito e reflete em quê ele irá se tornar.

Percebemos pois, a força em que o estado organiza a sociedade à luz de determinadas intenções hegemônicas. Todavia, cabe ressaltar que não há hegemonia eterna, mas, ameaçada pelas relações e disputas advindas do social e que a escola mesmo como AIE pode questionar esta estrutura. Para isto, faz-se necessário que a educação assuma uma papel analítico, crítico e reflexivo. Este é um dos pontos essenciais que Althusser (1980) nos chama atenção e que é reforçado por Gramsci (2000), quando apresenta conceitos importantes, entre eles o de Hegemonia, onde para o referido autor, diz respeito a uma expressão de poder que se sobressai em relação a outra.

Os conflitos sociais associados à educação podem corroborar para o reordenamento de novas posturas dos sujeitos de maneira que venha a contribuir na formação do intelectual crítico. Neste sentido, evidenciamos que ao passo que a educação pode ser vista como a serviço de determinada ideologia do estado, atuando como AIE, também pode caminhar no sentido a questionar a estrutura dominante. Isto pode se efetivar por intermédio de processos dialéticos, teóricos e metodológicos. Esta ação é concebida como contra hegemônica pois por meio da educação, atua como força advinda do social para questionar a hegemonia dominante que enxerga a escola como um espaço que deve ser ocupado apenas pela elite capitalista e portanto dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto pode-se verificar a contribuição do pensamento de Althusser para uma análise crítica do “papal” da educação enquanto Aparelho de Estado.

O autor nos “faz perceber” que a sociedade no geral e a escola em particular estão organizadas de modo a potencializar cada vez mais o sistema capitalista que se mostra. Isso porque o aparelho escolar, substituto do antigo aparelho – Igreja, funciona no sistema de Estado burguês dominante à lógica ideológica deste. Neste aspecto, constitui-se a educação/escola como potencial dispositivo desse modelo de Estado à medida que instrumentaliza, universalmente, a educação a serviço das ordens de produção, corroborando no ciclo de manutenção de reprodução das relações de produção.

O Estado, à luz de Althusser (1980), aportado de seus aparelhos repressivos e ideológicos, mantém-se sempre inalterável independentemente da classe ou da aliança de classes que lhe ocupa. Isso porque, tanto a repressão quanto a ideologia estão em certo sentido em relação de complementariedade. Enquanto aquela ao dispor dos aparelhos jurídicos e militares, por exemplo, acionam a serviço da ordem do Estado operante, a força e/ou violência física e também ideológica; este ao contrário, através da escola e de outros aparelhos “educativos” – públicos ou até mesmo privados – atua no sentido de inculcar no imaginário social as ideologias da classe ou da alianças de classes que estão no exercício do poder do Estado vigente.

Por fim, o estudo em tela sucita continuidade a fim de se problematizar outras questões a partir da reflexão acionada até aqui. A esse respeito, nos pareceu também que é possível em um próximo exame mais apurado sobre o pensamento de Althusser, questionar e agumentar a favor de: ainda que sendo a escola aparelho ideológico de Estado burguês capitalista que faz reproduzir suas ideologia, não poderia a partir de uma perspectiva crítica do fazer pedagógico, atuar em oposição a estrutura dominante? Para isso se faria necessário, em nosso entendimento, questionar os limites/fronterias dos aparelhos de Estado, especialmente, o papel da ideologia.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.

_____. **Sobre a reprodução**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BERNARDINO, Paulo Augusto Bandeira. **Estado e Educação em Louis Althusser:** implicações nos processos de produção e reprodução social do conhecimento. 2010. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33.^a ed. (Coleção primeiros passos: 203). São Paulo: Brasiliense, 1995.

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2011

FERRARO, J. Althusser, educação, estado e (re) produção. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 9, n. 17, 2014.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. In: **Delimitação da pesquisa**. 6^o ed. São Paulo: Atlas, 2008, p. 49-59.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo:** diversidade e currículo (org); Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere:** os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a. v. 2.

HÖFLING, Eloisa de Mattos. Estado e políticas (públicas) sociais. **Cadernos Cedes**, ano XXI, no^o 55, novembro/2001.

LUCKE, M., ANDRÉ, M.E.D. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986

MIRANDA, Iderval Lima. Althusser, Luiz. Aparelho Ideológicos de Estado. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 14, p. 217-220, 1996. (verificar a norma de citação de resenha).

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a natureza e especificidade da educação**. Em aberto, Brasília, n. 22, jul./ago. 1984.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação** v. 12, n 34 jan/abr. 2017, p. 152 - 165.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidades:** uma introdução às teorias do currículo. 3^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUSA, Luís Carlos Marques. **Cultura Organizacional e Educação:** tematizando desafios e possibilidades. 1. ed. Curitiba: CRV, 2018.